

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO
ESPECIALIZAÇÃO – RELIGIOSIDADES AFRO-BRASILEIRAS:
POLÍTICA DE IGUALDADE RACIAL EM AMBIENTE ESCOLAR**

DENISE PACHECO LUZ

**A HIERARQUIA NO TERREIRO DE CAMDOMBLÉ DEMONSTRADA ATRAVÉS
DA INDUMENTÁRIA**

JUIZ DE FORA

2016

DENISE PACHECO LUZ

**A HIERARQUIA NO TERREIRO DE CAMDOMBLÉ DEMONSTRADA ATRAVÉS
DA INDUMENTÁRIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada ao Programa de Pós-graduação em religiões e Religiosidades Afro-Brasileira: Política de Igualdade Racial em Ambiente Escolar da Universidade Federal de Juiz de Fora, sob orientação da professora Doutora Sonia Regina Correa Lages.

JUIZ DE FORA

2016

Denise Pacheco Luz

**A HIERARQUIA NO TERREIRO DE CAMDOMBLÉ DEMONSTRADA ATRAVÉS
DA INDUMENTÁRIA**

Monografia apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião – especialização em Religiosidades Afro-brasileira: políticas de igualdade em ambiente escolar, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista.

Aprovada em (dia) de (mês) de (ano)

BANCA EXAMINADORA

Dra. Sônia Regina Correa Lages - Orientadora
Universidade Federal de Juiz de Fora

Dra. Bárbara Inês Ribeiro Simões Daibert
Universidade Federal de Juiz de Fora

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha mãe que sempre esteve presente, me acompanha e me apoia na vida e a todos que alguma forma contribuíram para finalizar mais esta etapa.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos professores do curso em especial a professora Sônia Lages minha orientadora, ao secretário Daniel Prieto, ao amigo Willians Damasceno, por contribuírem possibilitando o fim deste trabalho.

Todo ser humano tem direito à liberdade de pensamento, consciência e religião; este direito inclui a liberdade de mudar de religião ou crença e a liberdade de manifestar essa religião ou crença, pelo ensino, pela prática, pelo culto e pela observância, isolada ou coletivamente, em público ou em particular (Artigo 18 da Declaração Universal dos Direitos Humanos).

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: O uso do pano da costa.....	13
Figura 2: Quem é quem na casa de santo.....	14
Figura 3: Chefes do terreiro.....	15
Figura 4: Ajudantes sagrados.....	15
Figura 5: Fios de conta.....	16
Figura 6: Bordado rechilieu.....	18
Figura 7: Traje típico da baiana.....	20

RESUMO

Este texto é sobre a roupa e os fios de contas usados pelos membros do candomblé no terreiro, sua história e importância na hierarquia desta religião que mantém a tradição através da oralidade e podemos dizer que através dos trajes que são usados, cada membro dentro do barracão tem sua função que é também demonstrada através das roupas e acessórios usados nos terreiros de candomblé, como exemplo um iniciado deve usar roupas feitas em tecido muito simples e um fio de contas branco, e se for solicitado pelos orixás poderá usar outros. Essa roupa também sofre a influência européia uma vez que são usados nas roupas rendas e o bordado *rechilieu* que tem sua origem na França, mas é muito usado nos trajes do candomblé. Falamos dos símbolos que tem grande importância e entre eles o pano da costa que envolve a criança recém-nascida e faz parte de sua vida no candomblé, existem regras para seu uso de acordo com a posição que o membro ocupa o terreiro, como também o uso dos fios de conta com sua variedade de cores e quantidade usada pelos membros da casa de acordo com seu orixá e também a posição que se encontra dentro da hierarquia. Para realizar este trabalho foi encontrada dificuldade para pesquisar em livros que tratem da roupa no terreiro de candomblé apesar da sua importância e tradição, por isso, essa pesquisa foi baseada em artigos e textos disponíveis na internet, em sites de jornais e comunidades de candomblé, conta com uma entrevista a Willians Damasceno, aluno deste curso e membro de uma casa de candomblé ainda em construção no Rio de Janeiro, onde fará sua saída de sete anos de iniciado em maio/2017 como Babalorixá.

Palavras-chave: candomblé, roupa, fio de contas, hierarquia, tradição

ABSTRACT

This text is about the clothes and beads of beads worn by the members of candomblé in the terreiro, their history and importance in the hierarchy of this religion that maintains the tradition through orality and we can say that through the costumes that are used, each member inside the shed Has its function that is also demonstrated through the clothes and accessories used in candomblé terreiros, as an example an initiate should wear clothes made in very simple fabric and a thread of white beads, and if requested by the orixás, he may use others. This clothing also suffers European influence since they are worn in lace garments and the rechilieu embroidery that has its origin in France, but it is much used in the costumes of candomblé. We speak of the symbols that have great importance and among them the cloth of the coast that surrounds the newborn child and is part of his life in candomblé, there are rules for its use according to the position that the member occupies the terreiro, as well as the Use of count wires with their variety of colors and quantity used by household members according to their orixá and also the position that is within the hierarchy. In order to carry out this work, it was found difficult to search in books that deal with the clothing in the candomblé terreiro despite its importance and tradition, so this research was based on articles and texts available on the internet, in websites of candomblé newspapers and communities, Has an interview with Willians Damasceno, a student of this course and member of a candomblé house still under construction in Rio de Janeiro, where he will make his seven-year start in May / 2017 as Babalorixá.

Keywords: candomblé, clothing, bead, hierarchy, tradition

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
O PANO DA COSTA.....	11
HIERAQUIA NO TERREIRO.....	13
FIOS DE CONTAS.....	16
A INFLUÊNCIA EUROPÉIA.....	18
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	23
ANEXO 1.....	25

INTRODUÇÃO

A roupa é a expressão mais sofisticada de uma religião que trabalha com elemento estético determinante. (Jaime Sodré)

O tráfico de escravos entre a África e o Brasil foi intenso, organizado e cruel a partir da metade século XVI tendo como a principal força impulsionadora do tráfico o lucro, a escravidão durou mais de 300 anos e teve sua abolição com a lei áurea em 13 de maio de 1888, provavelmente mais por interesse econômico do que necessariamente humanitário.

A escravidão de negros aconteceu por que a escravidão indígena também foi extensamente combatida pela Igreja no ambiente colonial e por não serem escravos rentáveis pelos fatores cultural, biológico e social. Representados pela Ordem Jesuíta, os clérigos que aportavam em terras brasileiras se envolveram em uma série de disputas em que repudiavam o interesse dos colonos em converter os índios em escravos gerando vários protestos e a forma de resolver a falta de mão-de-obra foi trazendo escravos negros que substituíram os escravos indígenas. Em 1549 os donos de plantações receberam o direito de importar escravos para o Brasil, cada dono de plantação podia trazer 120 escravos da Guiné ou da Ilha de São Tomé através de uma permissão legal para a importação de escravos africanos ao Brasil, sendo esta a primeira permissão que se tem notícia, acredita-se que antes desta permissão já havia escravos negros nas plantações de cana-de-açúcar de São Vicente.

Não se sabe quando os primeiros escravos africanos chegaram ao Brasil, mas as expedições de Pero Capico (1516 e 1526), que foi o primeiro a tentar plantar cana-de-açúcar no Brasil, e de Martim Afonso de Sousa (1531) podem ter introduzido os primeiros escravos negros no Brasil.

Na história da escravidão no Brasil não pode esquecer o tráfico de escravos durou mais de 300 anos que gerou modificações nas religiões na África, tanto pelo contato com o cristianismo e o processo de cristianização e pelo contato com o Islã e a islamização, bem como pelas mudanças na geografia populacional ocasionadas pelo comércio de escravos.

Nas religiões de matrizes africanas, especialmente no Candomblé, a transmissão do conhecimento religioso ocorre através da oralidade, embora nos dias atuais exista uma vasta produção escrita por membros integrantes da academia, mas a maior forma de passar esse conhecimento é através da oralidade porque os membros que tem o conhecimento entendem que fazem parte de uma família e as informações sobre a família não passamos por escrito, ou seja, não temos um manual de conduta da família e sim as coisas são passadas de pai para filho.

Segundo Mello (2016, p.54) Para o culto às forças da natureza (Orixás, Nkisis e Voduns) – podemos observar uma série de fundamentos, sempre na linhagem da devoção materializada paralela a fé. Geralmente são cânticos, oferendas de animais e vegetais, vestimentas especiais e danças. Os cultos estão sempre baseados na comunicação do homem com a natureza.

Uma das linguagens utilizadas pelo candomblé para comunicação da sua hierarquia é através da indumentária usada nos terreiros, onde cada membro tem uma função e por isso usa um tipo de indumentária.

O fio de contas que, mais do que um adorno, é uma marca e uma fonte de axé e transforma-se numa identificação que remete o indivíduo ao seu lugar na comunidade.

O pano da costa envolve o bebê dezesseis dias depois de nascer, ele é especialmente lavado, incensado e perfumado para a ocasião. É assim que tem início o ikomojadê, cerimônia que apresenta, pela primeira vez, um novo filho ou filha às divindades reverenciadas no candomblé.

Segundo Jacob (2008), é sobre esse tecido que a criança fica deitada, enquanto o líder religioso da casa profere palavras sagradas de prosperidade ao recém-nascido. O grupo faz saudações especiais diante de Xangô, Dadá, Oxum e Iemanjá. Depois, derrama um pouco da água da quartinha na cabeça da criança. Em alguns locais, nesse momento é escolhido um nome em iorubá para o bebê. “É uma comemoração à vida, ao nascimento. Você só pede coisas boas para aquele bebê. Esse tecido branco vai acompanhá-lo para sempre”, explica e egbomi Cici, do Terreiro Ilê Axé Opô Aganju e pesquisadora da Fundação Pierre Verger.

De acordo com Vagner Gonçalves da Silva (2008, p.101)

As roupas que compõem as vestes litúrgicas dos orixás e mesmo aquelas que os adeptos usam como parte da indumentária do terreiro constituem por isso alguns das imagens mais populares da religião. A roupa da baiana composta pelo torço branco ou colorido, saia rodada e camizu (pequena bata) de richelieu e o pano da costa levado sobre o ombro é um exemplo dessa arte religiosa do vestir derivada tanto de uma estética africana como da imposição de uma moda européia. Atualmente a arte de produzir essa vestimenta que envolve a tecelagem e o bordado, aplicação de rendas e outros acabamentos e um conjunto de técnicas manuais de amarração de torços e execução de laços têm sido preservados nos terreiros como legado de um importante conhecimento artístico-religioso.

PANO DA COSTA

Pano da Costa é a redução do termo “Pano da Costa do Santo”, é assim chamado por ter sido um tipo de tecido vindo da costa dos escravos, Costa Mina, Costa do Ouro e referia-se aos panos de adorno, também conhecido como alaká, pano-de-alaká ou pano-de-cuia, o pano da costa é de origem africana e compõe a indumentária da roupa de baiana espécie de xales longos, que integravam o traje típico das africanas e das crioulas da Bahia, o tamanho padrão é 2,0X0,60m, adquire sua identidade ao integrar a roupa tradicional de baiana e suas variações sociais e religiosas. Listrado, liso, estampado ou bordado em *richelieu* ou renda, é por meio dele que a mulher demonstra sua posição hierárquica na organização sócio-religiosa dos terreiros sendo de uso exclusivo da mulher nos cultos afro-brasileiro, porque uma das principais funções do mesmo é proteger o órgão reprodutor das mulheres, das Yamis, já que as energias emanadas das mesmas prejudicam muito todo o aparelho reprodutor da mulher.

Como diz Gaspar (2016), o pano da costa, não é apenas um complemento da indumentária da mulher; é a marca do sentido religioso nas ações da mulher como iniciada ou dirigente dos terreiros. Sua importância sócio-religiosa está em diversificadas situações, desempenhando papéis dos mais significativos e necessários para a sobrevivência dos rituais africanos.

No caso das Egbómis, o pano da Costa deve ser colocado na cintura elegantemente ou sobre o peito, jamais deve ser enrolado ou torcido, feito uma faixa ou Ojá, na cintura.

Para uma iniciada é importante saber usar o pano da costa devido a sua importância, as estampas com listras e quadros que remetem as formas presentes na indumentária nigeriana, devem ser de cores claras: branca, bege, rosa ou azul claro, nunca devem ser de cores quentes, berrantes, de seda ou estampados vivos.

O pano da costa é a peça de maior representatividade histórica dentro do vestuário africano, em conjunto com o torso, usar a saia, o camisu ou bata e o pano da costa são indispensáveis dentro do Axé. Existem várias maneiras de amarrar, colocar ou enrolar o pano da costa de acordo com a situação, o ritual desenvolvido ou a posição hierárquica; Iyáwô não usa o pano na cintura, mas sim enrolado no peito como demonstrado na figura 1 que mostra duas formas de uso do pano da costa sendo uma o laço no peito e enrolado no peito com uma ponta caída esta figura mostra que o pano da costa neste caso é usado em função religiosa, o pano da costa na cintura ou no peito é demonstração de trabalho quando usados no barracão e quando em função religiosa no dia-a-dia do terreiro pode ser “jogado” sobre o ombro direito e se mantém esticado ao longo do tronco é muito importante que não se “dança” sem esta peça da indumentária.

Figura 1: Possibilidades de uso do pano da costa



Fonte: ABRANTES, 1999.

OS FIOS DE CONTAS

A imagem que podemos ver na figura 5 é de uma baiana devidamente vestida para lavagem das escadas do Senhor do Bonfim, podemos ver em destaque os fios de conta da baiana que contam a história e a relação desta baiana com o candomblé e seus orixás, na foto podemos ver que essa é uma baiana que carrega muitos colares de vários orixás o que lhe traz proteção.

Figura 2: Lavagem da Igreja do Bonfim – Salvador



Fonte: Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/80572836@N03/7385898414>.
Acesso em: 16 dez 2016.

O fio de contas no candomblé além de um adorno é uma marca e uma fonte de axé que ao ser imerso na devida mistura de folhas, associada a alguns outros materiais, transforma-se numa identificação que remete o indivíduo ao seu lugar na comunidade.

A lavagem das contas é a inserção do iniciado no universo do candomblé ao receber os seus primeiros fios de contas, geralmente um fio de Oxalá e outro de seu orixá pessoal, o então Abiã percebe a importância de Oxalá no conjunto dos orixás.

Oxalá é o deus do branco, o pai dos orixás uma energia que antecede, no tempo, os demais orixás, Oxalá abrande e descansa, é a energia de onde tudo sai e para onde tudo retorna, por isso o branco é tanto a cor que festeja o nascimento como a que marca o momento da morte, sendo o somatório de todas as cores, traz em si todas as possibilidades de cor. O luto no candomblé é branco, representa o retorno do indivíduo à ancestralidade.

Por isso, o primeiro fio que se recebe é o branco de Oxalá, simbolizando o estado de latência que caracteriza o Abiã como um candidato à iniciação.

No período da iniciação, o Iaô, além de fazer jus a uma pequena coleção com os Inhãs dos orixás que participam de sua configuração espiritual, recebe algumas contas específicas que o identificam como tal; são elas o Mocam, o Quelê e os Deloguns nesta ocasião os fios irão “comer” junto com o “santo”, são como verdadeiros campos de força.

Depois da obrigação de três anos o Iaô, já com alguma graduação, pode ser presenteado com alguma conta mais enfeitada e com isto passa a ter o direito de criar seus colares mais rebuscados com missangas um pouco maiores e até alguns poucos corais, mantendo a discrição.

Com a obrigação de sete anos, o agora Ebômi é identificado pelas contas que passa a usar como o Runjebe, o Lagdbá, o Brajá, o Âbar, o Monjoló, os corais, as contas africanas multicoloridas e o alabastro, e passa a ter a liberdade total de criar os seus próprios fios da forma e do material que desejar inclusive usando metais nobres tendo o cuidado de que as inovações excessivas tornam-se inadequadas, uma vez que os objetos são importantes instrumentos de apoio à manutenção da tradição oral, é importante dizer que fio de contas não podem ser usados por pessoas que não tem cargo, o fio de ouro por exemplo só pode ser usado por Iyalorixás com mais de 50 anos de santo, símbolo de senioridade.

A confecção e utilização dos fios de contas deve ser sempre um exercício da criatividade, mas também deve corresponder a uma estética própria do candomblé que preserva através de seus objetos a sua própria história.

A INFLUÊNCIA EUROPÉIA

Normalmente saias e batas de bordado *richelieu* só são usadas pelas Iyalorixás, assim como o pano da costa de Alaká africano, na figura abaixo vemos a confecção do bordado *richelieu*, que tem grande importância na vestimenta do candomblé demarcando a importância do cargo.

Figura 3: Bordado Richelieu



Fonte: Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=48UH4ncsmDo>. Acesso em, 10 out 2016.

Como conta Ildásio Tavares¹ tal atividade eram a principal geradora de renda das mães antigas, pois, após a abolição, essas senhoras detinham o conhecimento e a prática de tal bordado e a valorização do *rechilieu* levava as “escravas de ganho” ao trabalho de bordado e costura para as senhoras da sociedade. Elas trabalhavam na casa de suas “patroas”, aonde levavam seus filhos, que se alimentavam no local, e não oneravam o salário, o “ganho” delas. Daí terem se tornado muito poderosas, algumas começaram a comprar terras, arrendar sítios e terrenos. Ildásio cita como exemplo Mariazinha da Conceição, que arrendou o terreno do Gantois.

Foram incorporadas em seus trajes elementos da cultura européia que era hegemônica, como as saias com bico de renda, batas e camisas bordado em *richelieu*”, analisam Juliana Monteiro, Luzia Ferreira e Joseania Freitas no texto As roupas de crioula no século XIX e o traje de beca na contemporaneidade: símbolos de identidade e memória do africano ou crioulo, liberto ou nascido livre, e ainda as roupas que utilizavam em ocasiões especiais como nas festas das Irmandades de Negros que eram comuns no século XIX. Dessa forma, fica claro que o traje – em particular o de crioula - como objeto de cultura material, “[...] não é apenas cor, textura, matéria-prima, forma e função. O objeto é tudo isto, e mais história,

¹ Ildásio Tavares foi um poeta, romancista, novelista, dramaturgo, ensaísta e compositor brasileiro.

contexto cultural, emoção, experiência sensorial e comunicação corporal” (NOGUEIRA, 2002, p.142).

Portanto, pode-se afirmar que a indumentária de Candomblé é um objeto artístico-religioso e que a sua criação já nasceu com um caráter híbrido por conter elementos de uma estética africana e elementos de uma moda européia que como se sabe, eram as tendências européias que Joaquim Motta defendia a tese de que a bata e o vestido das baianas sofreram a influência de um estilo europeu do final do século passado. As grandes batas da indumentária francesa foram adaptadas para as batas fúnebres, batas de gala, que traziam diferenças e características específicas. Havia, por exemplo, uma bata em xadrez preto e branco e a bata de missa, que possuía um comprimento maior, com mangas que também variavam de comprimento. regiam boa parte da moda mundial no período.²

O bordado *richelieu*, como explica Raul Lody (2003b) surgiu na Europa do século XV, como um tipo de bordado intermediário entre o bordado tradicional e a renda, que somente apareceria tempos depois. Relacionado diretamente ao emprego do bordado às roupas brancas, de uso feminino, esse tipo de bordado intermediário distinguiu-se por sua técnica, realizada com pontos cortados – os *picots* – aplicados sobre um fundo de tecido aberto, no qual os fios foram sendo delicadamente retirados até formarem verdadeiros vazios entre os motivos, dando assim maior relevo às bridas. A denominação *richelieu* originou-se na França entre 1624 e 1642, pelo “[...] uso freqüente nos paramentos de Armanol Jean du Plessis, cardeal e duque de Richelieu.”

Em entrevista a Willians Damasceno ele nos informa que “Bordados, croches e *rechillieu* só poderá usar quem for Egbomi. Esse tipo de "luxo" representa a nobreza e a hierarquia diferenciando eles dos Yawos e Abiãs” (DAMASCENO, 2016).

Na roupa de crioula, o *richelieu* pode estar presente em toda a extensão do camisu, o que o torna transparente e fresco para suas usuárias. Em outros casos, seu uso restringe-se às golas e decotes, ressaltando os bordados feitos à mão, podendo aparecer do mesmo modo nos panos-da-costa e nos turbantes. Desse modo, ele constitui-se como elemento de uma visualidade que conferia aos senhores um sentido de poder e riqueza. Contudo, o bordado *richelieu* possuía este valor de representação da riqueza e da ostentação para as próprias negras, e dentro do campo religioso do candomblé de origem iorubá, por exemplo, significaria “[...] marca de dedicação, de orgulho” frente à religiosidade.

² MOTTA, Joaquim - Também conhecido como “Joaquim D’Omolú”, babalorixá do Rio de Janeiro, proprietário do terreiro de candomblé Ilê Fi Orô Sakapata, em Nova Iguaçu.

REGRAS PARA O USO DA INDUMENTÁRIA NO TERREIRO

Figura 4: Traje típico da baiana



Fonte: Baiana&Brasil, 2013.

O vestuário de uma Iyalorixá é diferente das roupas usadas pelas equédís e iaôs, é caracterizada pelo uso da bata que é usada por fora da saia com o camisu por baixo, nas casas tradicionais somente a Iyalorixá pode usar, se ela permitir suas filhas egbomis podem usar também, mas nunca permitirá o uso da bata por uma equédi, iaô ou abian.

A bata é símbolo de cargo ou posto, o pano da costa dobrado sobre o ombro também tem sua representação, é um símbolo de cargo as iaôs o usam amarrado no peito, as egbomis na cintura e Iyalorixás no ombro. Os turbantes também chamados de torço ou ojá, usados na cabeça normalmente são maiores e mais ornamentados.

Os homens, quando participam em rituais ou nas dependências do Axé, usam “roupa de razão”, uma calça amarrada com cordão, espécie do modelo pijama e camisa de mangas de morim no ambiente sagrado não devem vestir bermudas ou short camisa de “razão” é sempre a mais indicada para Iyawô ou Abiyan. Caso use bata, esta tem que ser curta. Somente o Egbón pode usá-la mais longa, nos moldes africanos;

Os filhos de santo podem usar roupas coloridas, dependendo da ocasião e da correspondência com o orixá, depois de 3 anos de obrigação, os filhos de santo podem usar chinelos

Uma Abiyan usa poucas anáguas. Suas saias e pano de Costa também devem ser de tecido simples, como morim ou algodãozinho. O Camisu deve ser simples, segundo modelo tradicional, com rendinhas na barra e mangas, andam descalças, de cabeça baixa, que designa a condição de pré-iniciadas.

CONCLUSÃO

Podemos observar que no candomblé existe uma tradição muito forte em manter a história e principalmente a ancestralidade sempre presente, pudemos ver que as roupas que são usadas no terreiro e as permissões são sempre ligadas a memória do se usa na origem que é a África e aqui no Brasil tem uma referência muito importante com a escravidão como podemos observar em roupas com a de ração que é uma roupa de trabalho que remete a roupa dos escravos feita em algodão.

A influência européia fica muito nítida em peças bordadas e rendas, algumas que fazem parte da indumentária de uso normal pelos europeus e que fora absorvidas pela religião.

O Pai ou Mãe-de-santo alcançam, após passarem por todo o período de ensinamentos o direito de usar cores e os acessórios como achar melhor sem no entanto ferir os preceitos da

religião, com algumas ressalvas o fio de ouro por exemplo precisa de mais tempo de pertencimento a religião para poder usar.

O candomblé é uma referência muito importante de história e tradição africana, através de seus rituais e sua relação com os orixás e com a forma que são ainda hoje usadas as roupas e o cargo de cada um apresentado através da roupa e do fio de contas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERKENBROCK, Volney. **Candomblé: relações étnico-raciais na escola - Capítulo 1. Formação do Candomblé em sua passagem da África para o Brasil** – (Pós-graduação em religiões e Religiosidades Afro-Brasileira: Política de Igualdade Racial em Ambiente Escolar) - Universidade Federal de Juiz de Fora - Notas de aula.

BRASILEIRO, Alyrio, **As Vestes no Candomblé**. Disponível em: <http://alyriobrasileiro.blogspot.com.br/2013/04/as-vestes-no-candomble-28.html>. Acesso em: 28 de outubro de 2016.

DAMASCENO, Willians. **Entrevista I**. [nov. 2016]. Entrevistador: Denise Pacheco Luz. Juiz de Fora, 2016. 1 arquivo. Enviada pelo whatsapp no dia 24/11/2016.

DE LÀALU, Ricardo. **Fios de conta**. Disponível em: <http://candombles.blogspot.com.br/2014/07/.html>. Acesso em 25 de novembro de 2016.

GASPAR, Lúcia. **O Pano da Costa**. Disponível em <https://ocandomble.com/2016/03/25/o-pano-da-costa/>. Acesso em 15 de setembro de 2016.

JACOB, Adriana. **Indumentária afro-brasileira sobrevive como símbolo da cultura, da religião e da resistência dos negros**. Disponível em: <http://gvces.com.br/identidade-ancestral?locale=pt-br>. Acesso em 20 de outubro de 2016.

LODY, Raul. **O que que a bahiana tem: pano-da-costa e roupa de baiana**. Rio de Janeiro: Funarte/CNFCP, 2003.

MANUELA, Maria, 2008, **Fios de Contas (Parte 2)**. Disponível em: <https://ocandomble.com/2008/05/03/fios-de-contas-parte-2/>. Acesso em 02 de dezembro de 2016

MELLO, Leonardo Tendato. **O envelhecimento: uma análise junguiana na mitologia africana**. Dissertação (Mestrado em gerontologia) Pontifícia universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: <https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/12469/1/Leonardo%20Tondato%20de%20Mello.pdf>. Acesso em 21 de dezembro de 2016.

PÁGHANNI, Brad (OLUKÓ BRAD PÁGHANNI DE OXALÁ). **Tudo sobre Candomblé (Histórias e nações)**. disponível em <http://sociedadecandomblemoderno.blogspot.com.br/2011/06/tudo-sobre-o-candomble-historia-e.html>. Acesso em 15 de outubro de 2016.

SILVA, Vagner Gonçalves. **Debates do NER**. Porto Alegre, ano 9, N. 13, P. 97-113, JAN./JUN. 2008. Disponível em <http://www.fflch.usp.br/da/vagner/arteafo.pdf>. Acesso em 20 de agosto de 2016.

ANEXO 1

ENTREVISTA - WILLIANS DAMASCENO

WD - Vou responder as perguntas já que a mãe não teve tempo de responder devido à função.

Nome do terreiro, endereço e nome da mãe de santo

O meu terreiro ainda não possui nome devido a sua construção. Ele está localizado em Marechal Hermes e a minha mãe chama Evanir Silva e o seu orunko (nome litúrgico) é Yedomi.

1 – Faça um breve relato de sua história no candomblé e o que o levou a esta religião

WD - Me iniciei a 06 anos atrás em Juiz de Fora. Fui para o Rio de Janeiro e lá estou até hoje.

2 – Fale como foi sua iniciação, como são as roupas usadas nesses períodos e depois do recolhimento que tipo de roupa pode ser usada, foi acrescentada alguma coisa a essa roupa que o identifique como iniciado?

WD- Fui iniciado para o orixá Xangai com o ajunto (segundo orixa) Oya. As roupas que todo o iniciado poderia usar era o mais simples possível feito de saco ou de tecido não brilhoso. Também a vestimenta não poderia obter detalhes como bordado ou enfeites. Em relação ao acréscimo que nos identifique como iniciado, apenas o tipo de pano.

3 – Durante todo o período de iniciação acontece alguma alteração na roupa ou acessórios?

WD - As alterações na roupa só poderão ocorrer após os sete anos de santo. Quando o iniciado se torna um Egbomi (irmão mais velho ou aquele que alcançou a maioridade dentro do candomblé).

4 – Na mudança de fases dentro do candomblé existe alguma peça de roupa que só se pode usar por um membro naquela posição?

WD - Não existe uma mudança de fase. Apenas atinge a maioridade. Ao atingi-la, os Egbomis são liberados para usar vestuários mais elaborados como torsos (faixa no cabelo) coloridos, peças de *rechillieu*, crivos, bordados, croches, detalhes no acabamento e outras formas de adornos.

5 – É possível fazer uma rápida descrição de funções no terreiro que sejam identificadas pelas roupas ou acessórios que usam

WD - Dentro do terreiro você possui três tipos de adeptos: o abiã que é aquele que não iniciou, o Yawo que já iniciou e o Egbomi. Enquanto a função e de uso exclusivo do Egbomi e as suas vestimentas se diferem de acordo com o seu orixá de origem.

6 – As cores são autorizadas pelo orixá ou a posição permite a escolha da cor?

WD - As cores são devido a representação do orixá do adepto. Por exemplo: filhos de Xangô irá usar o branco misturado com o marrom, filhas de Iemanjá irá usar o verde água. Mas somente o Egbomi poderá usar cor.

7 - O pai ou mãe de santo tem liberdade de escolha quanto as roupas que vai usar?

WD - Sim. Eles possuem livre acesso na escolha da indumentária. Geralmente segue a cor do orixá deles.

8 – Os bordados *rechillieu* e rendas são autorizados a todos?

WD - Não. Bordados, croches e *rechillieu* só poderá usar quem for Egbomi. Esse tipo de "luxo" representa a nobreza e a hierarquia diferenciando eles dos Yawos e Abiãs.